



NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS ENTRE A ARTE, O CORPO E O AFETO

AUTOBIOGRAPHICAL NARRATIVES BETWEEN ART, BODY AND AFFECTION

ROSVITA KOLB BERNARDES¹

rosvitakolb@gmail.com

LUCIANA MENDES VELLOSO²

luclavebr@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho apresenta como reflexão a experiência de intercâmbio entre estudantes de mestrado do curso de teatro da Universidade de Rostock, na Alemanha, com um grupo de estudantes de licenciatura em Artes Plásticas, da Escola Guignard - Universidade do Estado de Minas Gerais. Os estudantes da Guignard integram o Programa de Iniciação à Docência 2014 (PIBID/CAPES). O processo de trabalho, iniciado em 2006 e ainda em curso, segue o movimento entre passado, presente e futuro, inspirado em Benjamin. Propõe compartilhar experiências de histórias de vida, gênero e percursos formativos a partir da arte, do corpo e do afeto. Apresenta para reflexão o que sete estudantes alemães jovens de pele branca trouxeram em suas bagagens: histórias de vida e expectativas. Da Escola Guignard, vinte estudantes de Licenciatura em Artes Plásticas, que passavam por processo de formação para seu encontro com a escola de educação básica, dentro do programa PIBID/CAPES 2014.

Palavras-chave: Narrativas Autobiográficas • Arte • Intercâmbio.

ABSTRACT

This text presents the reflection that experiences exchange between graduate students of the theater course at the University of Rostock in Germany and a group of undergraduate students in Fine Arts, the Guignard School - University of the State of Minas Gerais. Students of Guignard integrate the Initiation to Teaching Program 2014 (PIBID / CAPES). The work process, initiated in 2006 and still ongoing, follows the movement between past, present and future, inspired by Benjamin. It proposes share experiences of life stories, gender, and training courses from art, body and affection. It presents for reflection what seven young German students with white skin, they brought in their luggage: life histories and expectations. From School Guignard, twenty students of Bachelor in Fine Arts, who passed the training process for their meeting with the school of basic education within the PIBID / CAPES program in 2014.

Key words: Autobiographical Narratives • Art • Exchange

¹ Licenciatura em Artes Plásticas

² Escola Guignard – Universidade do Estado de Minas Gerais/UEMG



ACOLHER O PASSADO: PRIMEIRO MOMENTO

Ao pensar e acolher o passado, não é possível deixar de falar do afeto, pois o que, de fato, proporcionou a experiência de intercâmbio entre os estudantes de Brasil e Alemanha, em 2014, foi a amizade entre duas professoras, uma alemã e uma brasileira.

Em 2006, tivemos a oportunidade de conhecer a professora Marion Kuster, da Universidade de Rostock (norte da Alemanha), em Belo Horizonte. Provocada pela sua generosidade, seu envolvimento com a arte, a paixão pela vida e o interesse pela educação brasileira, nasceu uma amizade, uma rede de afetos que proporcionou um caminho de pesquisa, de investigação sobre histórias de vida, arte e formação

Fonte: Acervo pessoal das autoras



Fotografia 1 – Acolhida



Fotografia 2 – Relações entre si



entre alunos e professores dos dois países.

Essa rede afetiva, que foi construída além dos limites institucionais e acadêmicos, possibilitou que duas professoras brasileiras vivessem, em 2012, uma experiência de formação, com um grupo de estudantes que começava a sua jornada no curso de Mestrado em Pedagogia de Teatro da Universidade de Rostock (na Alemanha).

Essa experiência inspirou-se no ateliê autobiográfico, como formulado por Christine Delory-Momberger (2006), onde a ação do lembrar o passado vivido fazia-se potência “como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais existentes também presentes, numa busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro” (Galzerani apud Kolb, 2011, p.132).

Esse movimento inicial da nossa caminhada costurou-se por um intenso e sensível processo de encontros, uma profusão de histórias, onde as memórias revisitadas

foram amplificadas por meio de gestos, vozes e imagens que, na visibilidade inaugurada, entregaram-se a novos significados para nós, professoras envolvidas.

INDAGAR O PRESENTE: O SEGUNDO MOMENTO

Para poder indagar o presente, é preciso acolher o passado. Walter Benjamin (1996) fala que a construção do passado é fundamental enquanto ação de mudanças no presente. Inspiradas pelo caminho do lembrar que esse autor aponta, apresentamos neste artigo, para reflexão e partilha, a experiência vivida com estudantes brasileiros e alemães, durante esses 20 dias, em março de 2014.

Ao indagar o presente, segundo momento desta caminhada, sete estudantes alemães desembarcaram no aeroporto de Confins, no dia 07 de Março de 2014. Na bagagem, muitas histórias e expectativas. Mulheres, brancas, jovens, mestrandas em



Fotografia 3 – Trocar histórias de vida: falar de si.



Pedagogia do Teatro, estrangeiras. Aqui, no grupo do Brasil, vinte estudantes de licenciatura em Artes Plásticas que passavam por um processo de formação para o programa PIBID, e seu encontro com a escola de educação básica.

Começamos o nosso trabalho de formação com as sete estudantes alemãs e os vinte estudantes brasileiros mais três professoras, recolhendo expectativas, falas e desejos. Compreendendo que, nesse movimento, o espaço para a voz de cada sujeito era fundamental, a fim de proporcionar elos entre os estudantes dos dois países, que queriam experimentar, trocar histórias de vida, falar de si.

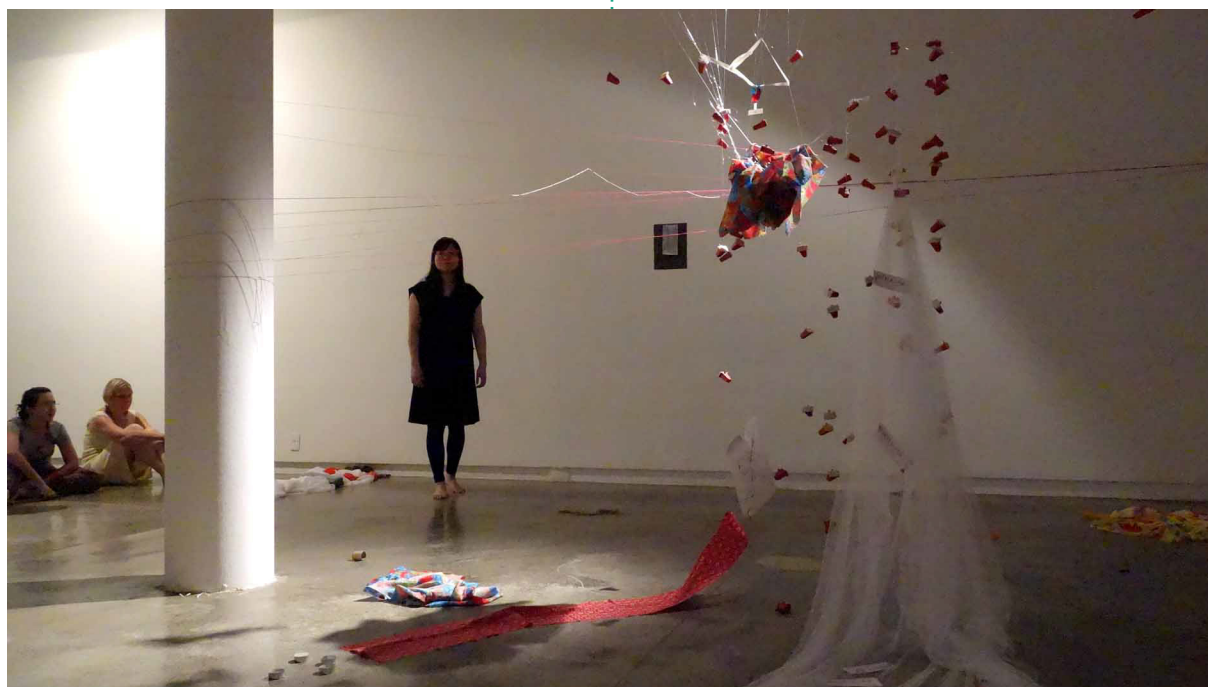
As estudantes queriam contar de onde vinham, quem eram, o que pensavam e sentiam. Queriam saber como é a vida dos estudantes brasileiros, a sua cultura, os seus desejos, sonhos e esperanças. Queriam também conversar sobre as possibilidades de diferentes caminhos metodológicos que percorrem os estudantes brasileiros na

sua prática artística e docente.

O trabalho de intercâmbio desenvolvido com os estudantes dos dois países seguiu pelo caminho do *Ateliê Biográfico de Projetos*, formulado por Christine Delory-Momberger.

O atelier biográfico é um procedimento que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e futuro do sujeito e visa fazer emergir o seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato, com construção da experiência do sujeito e da história de vida, como espaço de mudança aberta ao projeto de si. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 359).

Dessa maneira, o caminho metodológico utilizado no encontro com os estudantes incorporou à sua dinâmica elementos do *Ateliê-Biográfico*, as histórias de vida e, também, traços da pedagogia da autonomia de Paulo Freire (2006), que evidencia a



Fotografia 4 – Ateliê Biográfico



relação dialógica na construção do conhecimento. Buscamos, por meio de diferentes formas de expressão, trazer questões sobre as nossas diferenças culturais, sobre a nossa prática em sala de aula, sobre o professor, o artista e o pesquisador que somos (ou gostaríamos de ser).

Caracterizamos os encontros vivenciados durante os vinte dias como um exercício de tomada de consciência de si e do outro, que foi vivenciado em três momentos:

1. Narrativa visual-corporal;
2. Narrativa escrita;
3. Narrativa oral.

Esses três momentos - que nem sempre aconteceram nessa ordem - em alguns momentos nos auxiliaram a ir além do limite de não falarmos a mesma língua.

Para nós, professoras, era fundamental provocar formas e modos através dos quais os estudantes pudessem iniciar um

caminho de voltarem-se para si e encontrarem-se com a sua própria história. Que pudessem dialogar com os seus pares, percebendo as singularidades de cada história, de cada país, de cada um.

O ateliê biográfico, em sua dinâmica, é especialmente propício para lançar luz sobre percursos pessoais, revelando histórias que só se deixam mostrar por meio de narrativas que engendram o pensar sobre si e a tomada de consciência de si. O ato de narrar o vivido carrega a essencialidade do poder de as pessoas se reconhecerem como sujeitos de suas próprias histórias, atribuindo sentido aos diferentes itinerários percorridos e significando novas rotas a percorrer. É esse o caminho metodológico que configura a nossa proposta de trabalho com os estudantes, e que serviu também ao percurso vivido durante os 20 dias de intercâmbio.

Ao iniciar os trabalhos com os estudantes da Licenciatura em Artes Plásticas e as estudantes de teatro da Alemanha,



Fotografia 5 – Ateliê Biográfico



Fotografia 6 – A significação das imagens

observamos que as histórias trazidas por eles recebiam formas muito particulares de serem narradas, como por exemplo, por meio de uma imagem, de uma foto, um tecido, um emaranhado de linhas, um objeto, uma pintura, uma canção. Os trabalhos vinham carregados de outras significações, outras formas de significar e falar de si.

Imbricados com diferentes linguagens, trabalhos plásticos, histórias metafóricas, narrativas que comunicavam para além do próprio texto, um discurso diverso, intenso, aberto, com um corpo presente, dialogavam incessantemente com uma gama de materiais transformados, mimezados, destruídos, reconstruídos.

Envolvidas com todas essas questões, iniciamos nossas narrativas, que apontavam muitas direções, como o desejo de experimentar e trocar histórias de vida e de falar de si; de buscar saber quem somos e de onde viemos; de dar espaço para saber

sobre a família de cada um, onde vivem, o que fazem, como se constituem. Dar espaço para as expectativas sobre qual seria o caminho de vida dos estudantes brasileiros, e sobre os caminhos metodológicos que teriam eles em sua formação como licenciandos de artes plásticas.

Muitas questões sobre gênero, em especial o feminino, surgiram. As estudantes alemãs tinham como ponto de partida o desejo de investigação sobre a mulher,



Fotografia 7 – Ateliê Biográfico: diálogos do corpo presente



Fotografia 8– Ateliê Biográfico: na escola

sobre como é ser mulher no Brasil: que trajetória tem as mulheres brasileiras, quais as questões, as dores, as lutas, os desejos e as realizações. Como seriam as mulheres mães, avós, crianças, jovens no Brasil.

Os estudantes brasileiros pontuavam questões sobre como seria o processo de comunicação que não dependesse do idioma. Pontuaram o desejo de seguir um caminho com e pela arte, pela imagem, pelo corpo, pela expressão e pela espontaneidade. Havia também a necessidade de que todos pudessem conhecer o trabalho que cada um desenvolvia, pensando nas possibilidades de troca que o encontro poderia proporcionar.

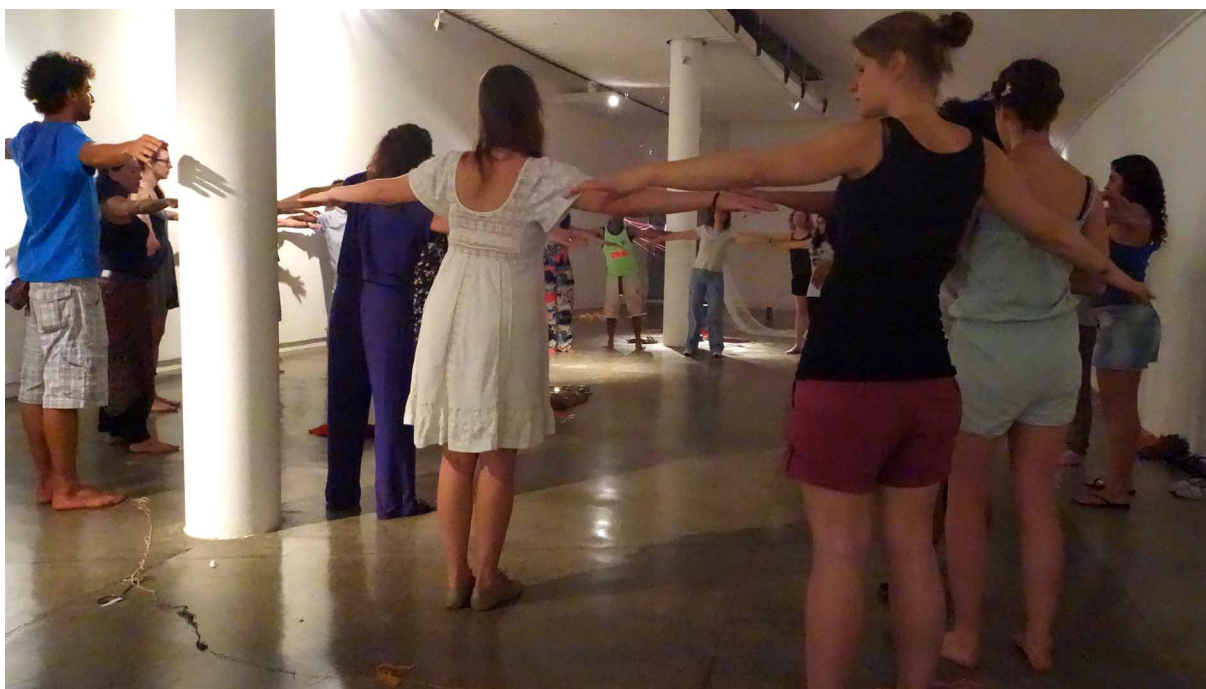
Assim, fomos lançando nossas primeiras sementes, e regando com a intensidade de poder instaurar um espaço para se permitir ser e falar de si. Nos encontros,

investimos para que os estudantes de Licenciatura exercitassem, além do uso da imagem, o hábito do registro, pois como escreve Warschauer (1993, p.61), “registrar é deixar marcas”.

Assim, na sua grande maioria, os estudantes traziam para os nossos encontros os seus cadernos com anotações, rabiscos, desenhos: um caderno de artista, prática bastante comum na arte e entre os artistas. Os cadernos desses estudantes de



Fotografia 9– Ateliê Biográfico: dança circular



Fotografia 10– Ateliê Biográfico: dança circular (2)

arte foram também incorporados e utilizados como forma de comunicação com as estudantes alemãs.

Utilizamos-nos de outras linguagens e materialidades - sobretudo da dança circular, das artes plásticas e cênicas – que facilitaram e favoreceram o meio de comunicação entre os estudantes dos dois países. Criamos um espaço-tempo de narrativas estéticas, poéticas – corporais autobiográficas, durante o qual os estudantes em formação pudessem repensar e reviver suas histórias de vida, suas trajetórias artísticas. Um espaço-tempo que validasse o processo de formação para além dos saberes formais, reconhecendo como importantes os saberes da experiência.

Os encontros que vivenciamos possibilitaram aos participantes ações coletivas, em dupla, ou, ainda, individualmente, que eram ora coordenados pelas três professoras, ora pelas estudantes alemãs e, também, pelo grupo brasileiro.

Nesse processo de busca por indícios que pudessem revelar a história de cada sujeito envolvido, inspiramo-nos na poesia *Carrego Comigo*, de Carlos Drummond de Andrade, de modo que os objetos que estavam nas nossas bolsas, mochilas e sacolas, (como por exemplo, os desenhos, os bilhetes, óculos, bolsa, celular, sapatos, garrafa, espelho, colar, relógio, anel, tecidos, panos, fios, cadeiras, bancos, máquina de escrever, som ritmo, cor, luz, flores, cheiros), ganharam destaque e constituíram-se também como matéria visual para o processo de criação dos estudantes.



Fotografia 11– Ateliê Biográfico: indícios que Carrego Comigo



A dança circular que, segundo Ostetto (2010, p.40), é uma forma ancestral de magia, inventada pelos deuses, que a ensinaram aos homens, como nos traz a mitologia hindu, foi também o nosso caminho. Envolvidos no mistério, no movimento, no ritmo da dança, os alunos foram, aos poucos, se encantando pelos outros, por si mesmos. Foi na roda, de mãos dadas, que aprenderam a olhar para o outro e para si mesmo. Aprenderam a acolher, a dividir, aprenderam os gestos, os silêncios, pausas, ritmos, tempos e diferenças entre si.

Durante 20 dias, o caminho metodológico do *Ateliê Biográfico* recebeu formas muito particulares de narrar. Nosso campo de significação foi a arte, elo de ligação, entre as duas culturas, onde, por meio de um movimento dialógico entre corpo, imagem, fotografia, objetos, dança, música, *performance*, palavra, pelo fio da memória e pelo ato de narrar-se, provocamos pontes, diálogos e partilha entre os estudantes (estrangeiros e brasileiros).

Um elo construído entre a cidade, entre a comunidade e a escola básica: entre Brasil e Alemanha, onde, através da ação do recordar, tomaram consciência do seu passado no presente para, então, se lançarem ao futuro.

PROJETAR O FUTURO: TERCEIRO MOVIMENTO

Projetar o futuro, o terceiro movimento, aponta um alinhavo entre histórias de pessoas, estudantes. Onde o olhar-pensar sobre fatos, espaços vividos, mapeados e ampliados na produção plástica, sonora e corporal, veio ao encontro da rede de afeto construída no primeiro movimento deste projeto. Poder olhar para trás para ver o que fomos, o que somos, o que nos acontece e nos passa, permite pensar no futuro. Permite projetar-se, lançar-se para frente. Para onde vamos?

Fonte: Acervo pessoal das autoras



Fotografia 12– *Ateliê Biográfico*: a roda como espaço de troca/partilha



Fotografia 13/14– Ateliê Biográfico: elos: Cidade, comunidade, escola básica.



Fotografia 15– Ateliê Biográfico: avaliando e projetando o futuro

Benjamim (1996, pg.279), em sua análise da história, fala de um passado vivo, passível de ser refeito, onde o sujeito tem um papel fundamental, que lhe permite

refazer o passado, interligando-o com o presente. Como fazer isso? Como colocar-se como sujeitos vivos e ativos na experiência do cotidiano das nossas escolas



Fotografia 16– Ateliê Biográfico: vivências com educação básica



Fotografia 18– Ateliê Biográfico: Ateliê Biográfico: elos: Cidade, comunidade

públicas? Como trazer o passado com o olhar do presente? Kramer (2006) aponta que os sujeitos, alunos e professores, no momento que contam, escrevem, falam sobre si e sobre a sua história vivida, têm a possibilidade de interagirem e inter-relacionarem-se refazendo caminhos, recompondo rastros, recontando histórias, recriando um novo passado a partir da vivência coletiva do presente.

Pensando no que essa autora nos apresenta, revisitamos novamente Benjamim (1996), quando ele escreve que o conhecimento não é mais uma verdade aurática, pois não temos mais experiências coletivas para contar. O conhecimento é uma mercadoria e perdeu a sua aura. Perguntamos: que saídas temos construído na universidade nos cursos de Licenciatura para dar continuidade, dar sentido, para o lugar que trabalhamos e onde existem as histórias



Fotografia 18– Ateliê Biográfico: a obra como materialização das experiências coletivas



da Anna, Alisson, Aline, Xandoca, Marta, Jessica, Carla, Rogério, Mayra, Cibele, Helder, Isabela, Fabiana, Marilene, Gislaiane, Andrea, Kelly, Lourdes, Márcio, Stefanie, Camila, Clara, Diego, Marina, Anne, Maren, Ninon, Petra, Shin-Yi, Marion, Luciana, Rosvita... e tantos outros e outras que podem e devem ser contemplados e narrados?

Acessar a memória, biografar-se é também encontrar-se com a própria voz e narratividade. É retomar a experiência do corpo, do espaço, dos sentidos, do vivido. É retomar as imagens e significância do que foi desenvolvido ao longo de nossa história.

O caminho metodológico do Ateliê Biográfico cruzou percursos entre a espacialidade e a temporalidade de cada estudante.

Cruzou imagens que seguiram viagem pela experiência, pela memória, pela infância, com direito a idas e vindas, entre relatos individuais, coletivos, entre práticas autobiográficas. Talvez tenhamos experienciado algo que nos faz lembrar de Benjamin *apud* Galzerani, (2002, p.63), quando ele destaca que “rememorar significa trazer o passado vivido como opção de questionamento das relações e sensibilidades sociais existentes também no presente, uma busca atenciosa relativa aos rumos a serem construídos no futuro”.

Seguimos viagem! Com uma vontade enorme de ultrapassar os nossos sonhos, sem perder a potencialidade do momento da vigília, quando se está envolto entre adormecer e acordar, para a transformação dos nossos sonhos em utopias.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, C.D. Carrego comigo. *In*: Andrade, C.D. A rosa do povo. 23. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. 7. ed. São Paulo-SP: Brasiliense, 1996.

DELORY-MOMBERGER C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projetos. *Educação e Pesquisa*, vol. 32, n. 2, maio-ago, 2006, p. 359-371.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia, Saberes necessários à prática educativa. 30. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GALZERANI, M.C. Imagens entrecruzadas de infâncias e produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. São Paulo: Cortez, 2002.

KOLB- Bernardes, R. Tornar visíveis práticas invisíveis de professoras de arte. Tese de doutorado em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

KRAMER, S. Por entre as pedras: armas e sonho na escola. São Paulo: Ática, 2006.

OSTETTO, L. E. Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores. Caderno CEDES, 30(80), Campinas

WARSCHAUER, C. A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

RECEBIDO em 18/02/2015

APROVADO em 12/04/2015

